



Pedro Caldeira Cabral

O Labirinto da Guitarra

O Labirinto da Guitarra

A Guitarra Portuguesa é um instrumento musical cuja imagem assume também a condição particular de símbolo identitário português, cujo reportório, herdeiro de uma dupla tradição escrita e oral, reflecte de forma expressiva a transversalidade social dos seus autores e utilizadores ao longo de cinco séculos de existência do instrumento.

Na sua origem (século XVI), a Guitarra era conhecida entre nós pelo nome de Cítara e tocada nos meios aristocráticos onde cumpria uma função dupla: o acompanhamento do canto e a execução de peças de dança e fantasias instrumentais.

A notícia mais antiga do seu uso é dada por Garcia de Resende (cronista, poeta e músico) em 1521.

Cedo porém se terá popularizado como nos sugere o rifão “Palavras sem obras, cithara sem cordas” usado por Jorge Ferreira de Vasconcelos na sua deliciosa “Comédia Eufrosina” de 1543.

Em 1582 o cronista Frei Phillippe de Caverel, de visita a Portugal, descreve alguns instrumentos musicais usados pelos portugueses, citando a cítara, entre outros.

Em 1652, encontramos no inventário de Francisco de Leão a menção de que possuía uma cítara comprada em Lisboa por 480 reis e enviada depois para o governador de S. Paulo, no Brasil.

Por volta de 1680 é realizada por Frei Pedro a escultura do anjo músico, tocando cítara, integrada no Retábulo da Morte de S. Bernardo, no Mosteiro de Alcobaça.

A notícia sobre o compositor Padre João de Lima (fl.1670-1710) no manuscrito da B. N. de Lisboa, intitulado “Desagravos do Brasil”, descreve-o como tocando vários instrumentos de corda entre os quais, a viola e a cítara.

Entre 1712 e 1715, o famoso cirurgião-filósofo António Ribeiro Sanches (1699-1783) recebia lições de cítara na cidade da Guarda, facto que atesta a prática deste instrumento para além dos grandes centros de cultura do país.

Com a publicação do “Estudo de Guitarra”, Porto, 1795, António da Silva Leite (1753-1833) dá-nos um precioso testemunho sobre o uso da cítara no seu tempo, referindo-a como instrumento de acompanhamento a par do cravo e da teorba.

O seu livro é dedicado exclusivamente à Guitarra “Inglesa”, um tipo de cítara europeia modificada por construtores alemães e introduzida em Inglaterra pela corte de Hannover, sendo o próprio rei Jorge III um exímio executante do instrumento.

Esta guitarra (com apenas 10 cordas e com uma afinação e técnica muito diferentes da nossa) tem entre nós uma difusão limitada aos círculos aristocráticos e burgueses das cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, nunca se popularizando e desaparecendo gradualmente a sua prática com a revitalização da cítara, causada pela associação desta com o Fado de Lisboa.

A desqualificação social da cítara é um facto, atestado por exemplo com a notícia da prisão em 1820 (ano do nascimento da Severa), de um tal Manuel Raimundo, homem pardo, por estar “tocando em huma Cytara” numa “loja de louça que também vende aguardente”, na Calçada de Santana, em Lisboa.

Cunha Matos, descrevendo os costumes da burguesia do Brasil em 1824, diz-nos: “Na província de Goiaz, as senhoras cantam soffrivelmente e tocam o psalterio, a cithara, a guitarra e as violas” ilustrando claramente o uso dos dois instrumentos em contexto social idêntico, tal como Silva Leite o fizera anos antes no seu método.

Em 1858 é publicado no Porto a obra de Fétis “A Música ao Alcance de Todos”, cuja tradução contém um glossário de José Ernesto de Almeida, no qual se descrevem a cítara e a guitarra da época com indicações do estatuto social diferenciado dos seus utilizadores, as respectivas afinações e especificidade de reportórios musicais.

O século XX assistiu à requalificação social e musical do instrumento, entretanto elevado à categoria de símbolo identitário, frequentemente incluído em representações pictóricas eruditas (de Mário Eloy, Cândido da Costa Pinto a Júlio Pomar e Graça Morais), citado pelos mais famosos poetas (de Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen a Manuel Alegre).

Concluindo, a Guitarra Portuguesa de hoje entrou definitivamente na categoria de instrumento de concerto, apreciada internacionalmente e representada por um conjunto vasto de intérpretes.

Programa

Vilancete e Cantiga	Pedro de Escobar (1465-1536)
Fofa da Rozinha	atr. António Leal Moreira (1758-1819)
Marcha dos Cavalinhos	Manuel José Vidígal (1763-1827)
Allegro	João Paulo Pereira (c.1790-1860)
Fantasia Verdes Anos	Carlos Paredes/Pedro Caldeira Cabral
Baile dos Carêtos	Pedro Caldeira Cabral

Pedro Caldeira Cabral	Guitarra Portuguesa
Joaquim António Silva	Viola (guitarra clássica)
Duncan Fox	Contrabaixo

Pedro Caldeira Cabral nasceu em Lisboa em 1950. Ainda na infância inicia o estudo da Guitarra Portuguesa, da Guitarra Clássica e da Flauta doce. Mais tarde estuda solfejo, contraponto e harmonia com o Prof. Artur Santos.

A partir de 1970 inicia o estudo do Alaúde, da Viola da Gamba e de outros instrumentos antigos de corda e de sopro, vindo mais tarde a fundar e dirigir os grupos La Batalla e Concerto Atlântico, especializados na interpretação da Música Antiga em instrumentos históricos.

Desde 1969 desenvolve como compositor, um estilo próprio, fundado na tradição solística da Guitarra Portuguesa, com incorporação de técnicas originais e elementos resultantes do estudo dos instrumentos antigos das tradições cultas e populares da Europa Mediterrânica. Como intérprete tem alargado o repertório solístico da Guitarra, fazendo transcrições de obras de Bach, Weiss, Scarlatti, Seixas, entre outros e apresentado publicamente novas obras originais de autores contemporâneos.

Tem realizado investigação na área da música tradicional (Organologia musical), tendo colaborado com o Dr. Ernesto Veiga de Oliveira na segunda edição de "Os Instrumentos Musicais Populares Portugueses" - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983 e na 3ª edição (capítulo novo) datada de Janeiro 2001.

Desde 1970 tem dado na qualidade de solista concertos nas principais salas e festivais da Europa, Estados Unidos da América, Macau e Brasil.

Pedro Caldeira Cabral tem efectuado conferências e semi-

Joaquim António Silva nasceu em Olho-Marinho, Óbidos, em 1956. Músico autodidacta, tem exercido esta actividade paralelamente à sua vida profissional. Frequentou Cursos de Direcção Coral com Mário Mateus e Fernando Lopes-Graça. Colabora desde 1986 com o músico Pedro

Duncan Fox nasceu em Inglaterra em 1970, tendo feito estudos musicais entre 85 e 88 na Junior School-Royal Academy of Music, frequentando a classe de Contrabaixo sob orientação do professor Emmanuel Shulmann. Entre 88 e 92 efectuou estudos superiores no Royal Northern College of Music em Manchester, trabalhando o Contrabaixo (Prof. Duncan Mc Tier), o Piano (David Lloyd) e a

nários sobre temas musicais na Europa (França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Suécia e Turquia) e E.U.A. .

Fez a pré-produção e a direcção artística do Festival de Guitarra Portuguesa na EXPO 98.

Em 1999 foi editado o livro "A Guitarra Portuguesa" de sua autoria, sendo esta a primeira obra monográfica sobre as origens e evolução histórica, estudo organológico, e relatório do instrumento nacional.

Comissariou as exposições monográficas "Portuguese Guitar Memories" apresentada no Convento de Santa Agnes de Boémia, em Praga, República Checa, em Setembro de 2000 e "A Descoberta da Guitarra Portuguesa" no Museu Abade de Pedrosa em Santo Tirso, em Junho de 2002.

Fez programas nas seguintes emissoras de Televisão: RTP (Portugal), WDR, ZDF e NDR (Alemanha), BBC e Granada TV (Inglaterra), ORTF (França), VPRO (Holanda) e TV Globo e TV Cultura de S. Paulo (Brasil).

A sua discografia a solo inclui: Guitarras de Portugal, Tecla (1971); Encontros, Orfeu (1982); A Guitarra nos salões do século XVIII, Orfeu (1983); Pedro Caldeira Cabral, EMI (1985); Duas Faces, EMI (1987); Guitarra Portuguesa, GHA (1991); Momentos da Guitarra, Fenn, (1992); Variações, Mediem/WDR (1993); Musica de Guitarra Inglesa, BMG/RCA Classics (1998); Sons da Terra Quente, F M (2000); The Enchanting Modinhas and the English Guitar, Radical Media (2001); Memórias da Guitarra Portuguesa, Tradisom (2003), A Guitarra do Século XVIII, Tradisom (2003) e Guitarra Diversa Mastermix, (2004).

Caldeira Cabral, integrando os grupos La Batalla, Concerto Atlântico e o Trio de Pedro Caldeira Cabral. Tem desenvolvido projectos próprios no âmbito da música antiga e da música tradicional, dedicando-se igualmente ao trabalho com grupos corais amadores.

Viola da Gamba (Richard Boothby). Integrou a Manchester Camerata, Goldberg Ensemble e a Opera North Orchestra. Desde 1993 vive e trabalha em Lisboa, integrando a Orquestra Sinfónica Portuguesa (Coordenador de Naípe Adjunto), Concerto Atlântico, Capela Real, Porto Gallant, Ars de Musica Antiqua, ContrOrquestra de Baixos de Lisboa e Divino Sospiro.